



Relato de Campo

Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa

Data: 17/11/2011

Entrevistados (nome/função): Arthur José Ribas Elias,
supervisor e técnico de futebol

Pesquisadora: Aira Bonfim

Redatora: Aira Bonfim

Revisoras: Nahema N. Falleiros e Vivian Brito

Resumo

O Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa (COTP) é um órgão subordinado à Prefeitura de São Paulo. Criado na década de 1970, já passou por diversas modificações administrativas e até mesmo ideológicas. Hoje, o local é destinado a treinar atletas de categorias de base (crianças e adolescentes) de diferentes modalidades esportivas, com potencial de integrá-los a futuras seleções brasileiras adultas.

No decorrer de sua existência, passaram pelo COTP nomes como: Montanaro e Amauri (vôleibol), Hortência (basquete), Ricardo Prado (natação) e outros atletas que seriam nacionalmente reconhecidos nos anos 1980, época em que o local estava diretamente ligado ao programa público Adote Um Atleta, em que empresas e clubes tinham a oportunidade de subsidiar o treinamento de atletas do COTP. Com o fim desse projeto, o espaço passou por um período de ociosidade até ser recolocado novamente como um dos principais equipamentos públicos de formação, preparação e condicionamento de atletas olímpicos. Nos dias atuais, o espaço se tornou referência da produção de atletas na cidade. Seu prédio foi reformado e oferece qualidade e estrutura para treinamento e investimento em futuros atletas brasileiros.

O COTP está localizado no Parque das Bicicletas, na avenida Ibirapuera, região sul de São Paulo. O prédio é extenso e abriga áreas e equipamentos destinados a uma gama de esportes olímpicos, a exemplo de quadras, equipamentos de ginástica olímpica e campo sintético. Dentro do local também é encontrado o setor administrativo, a área de atendimento médico do convênio Unifesp e a área de exposições. A área do parque tem como vizinha a Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SEME).

O Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) busca conhecer os espaços ocupados pela prática de futebol feminino na cidade, além de encontrar subsídios para esse esporte, quando praticado por mulheres. Por meio da lista de indicação de locais para mapeamento do próprio CRFB, foi então feito contato telefônico com Arthur José Ribas Elias, técnico e coordenador do setor de futebol feminino do COTP. Outros dados foram encontrados no sítio eletrônico da Prefeitura, onde também foi possível encontrar um link sobre o local, com informações de cunho histórico,



informativo e contatos.

A visita ao espaço do COTP se deu em 17 de novembro de 2011. Na ocasião, havia treino das categorias de base e a pesquisadora foi recebida na sala destinada à equipe responsável pelas atividades de futebol feminino. O entrevistado, Arthur, está desde a infância envolvido com o esporte e, diante das oportunidades, escolheu trocar a carreira de atleta pela possibilidade de se tornar treinador. Diferentemente da maioria dos profissionais dessa área, optou pelo universo do futebol feminino para crescer e se profissionalizar. Como treinador, passou pelo Centro de Práticas Esportivas da USP (CEPEUSP), Mackenzie e Clube Nacional. Desde 2010 está à frente do projeto de futebol feminino do COTP. Ele organiza a equipe de profissionais de educação física nessa área, além de atuar, no período da entrevista, como técnico do time adulto.

Neste Centro Olímpico, existem 3 categorias femininas de futebol de campo em treinamento: sub-15, sub-17 e profissional. As jovens atuam em diferentes campeonatos municipais e nacionais. Nos últimos anos, essas atletas se destacaram entre as lideranças dessa modalidade. Dos cerca de 2 mil atletas em treinamento no COTP, aproximadamente noventa são meninas que se dedicam ao futebol.

Relato

O COTP foi criado em 3 de fevereiro de 1976 (decreto nº 12.593), como uma unidade destinada ao aperfeiçoamento de atletas das categorias de base (crianças e adolescentes): expoentes de suas modalidades, com potencial para integrar futuras seleções brasileiras adultas. Inicialmente, o espaço atendia cerca de cem atletas indicados por clubes da cidade, com os quais dividia a responsabilidade no treinamento. Como já citado, essa iniciativa é conhecida como Adote Um Atleta, que enfraqueceu-se no momento em que empresas passaram a investir nos atletas diretamente – ou por meio dos próprios clubes.

Da inauguração até os dias atuais, o complexo reflete todas as mudanças de gestões municipais pelas quais passou. Consequentemente, enfrentou fases de baixas demandas, inclusive de deterioração: de 1990 até 2001, por exemplo, o prédio foi danificado e atividades como handebol foram suspensas. Desde então, 8 modalidades olímpicas – além da luta olímpica, futebol e futebol de salão – foram reanimadas junto ao COTP. Hoje, o espaço se tornou referência na produção de atletas na cidade. Seu prédio foi reformado e oferece qualidade e estrutura ao espaço público de treinamento e investimento em futuros atletas brasileiros.

Arthur, como já apontado, é coordenador da modalidade de Futebol de Campo Feminino e técnico do time profissional do COTP. À pesquisadora do CRFB, na ocasião da visita, ele disse que se aproximou do futebol quando criança: jogou na categoria de base do São Paulo Futebol Clube, mas aos dezessete anos decidiu encerrar a carreira de jogador para estudar e trabalhar com o futebol de outras maneiras. Contou que, há alguns anos, dificilmente se conciliava carreira esportiva e carreira acadêmica, já que muitos clubes impunham a escolha entre jogar ou estudar. Atualmente, contudo, acredita que existem melhores parcerias entre clubes e universidades, que facilitam ao atleta a oportunidade de estudar e treinar simultaneamente.

No universo do esporte e competições universitárias, em 2002, Arthur treinou times (de atléticas) de futebol de salão feminino. Gostou e, na busca por aperfeiçoamento, fez cursos para se especializar em futebol de campo. Em 2006 criou um projeto para o CEPEUSP, que integrava a comunidade do

entorno universitário aos atletas. No segundo semestre desse mesmo ano, passou a treinar um time feminino de futebol de campo, que ganhou o vice-campeonato paulista, competição amadora organizada pela Liga Nacional de Futebol¹ (LINAFA). Na sequência, Arthur trabalhou com a equipe de futebol do Mackenzie e, mais tarde, no Clube Nacional. Foi então em 2010 que ele passou a coordenar a área de futebol feminino do COTP.

O Centro Olímpico é responsável por 3 categorias de futebol de campo feminino: sub-15, sub-17 e, até pouco tempo atrás, o sub-20². As categorias menores competem em diferentes campeonatos, dentre eles, a Taça Cidade de São Paulo, em que, na ocasião, o time sub-15 era vice-campeão e o sub-17 bicampeão na cidade. A categoria adulta tem disputado todos os campeonatos considerados importantes de futebol de campo feminino, tais como o Campeonato Paulista da Federação, a Copa Futebol Mulher – organizada pela Liga Paulista de Futebol Feminino³, de março a junho, na qual foram campeões e quarto lugar no ano passado – e a Copa do Brasil, uma disputa de âmbito federal, coordenada pela CBF, em que são selecionados 3 times do Estado de São Paulo, totalizando trinta e dois times de todo Brasil.

De acordo com Arthur, o futebol feminino na cidade de São Paulo é um dos mais competitivos, além de oferecer melhor nível técnico do que outros estados brasileiros. Questionado sobre outros locais de referência do futebol de campo feminino, onde existam campeonatos regionais, o entrevistado contou que o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro são cenários fortes, mas que outros estados começam a se destacar, a exemplo de Espírito Santo, Brasília e Santa Catarina. Segundo Arthur, o futebol feminino tem se tornado

1 A Liga Nacional de Futebol, fundada em 27 de março de 1999, com sede na Cidade de Americana (SP), atua junto as Ligas Municipais de Futebol, Secretarias de Esporte, Clubes de Prática Não Profissional e os Departamentos Amadores dos Clubes Profissionais, em suas diversas categorias, tanto no masculino como feminino. Realiza competições para atletas praticantes do futebol não profissional e, conforme o escopo do Artigo 2º, inciso VI, da Lei 9.615/98, é garantido a estes o direito de diferenciação, consubstanciado ao tratamento específico dado ao desporto profissional e não profissional, harmonizando-se, desta forma, com o inciso III do Artigo 217 da Constituição Federal de 1988. (www.linaf.com.br)

2 A categoria sub-20 foi modificada por não existirem campeonatos. Passou a ser chamada de Categoria Adulta.

3 Para saber mais: www.ligafutebolfeminino.com.br

uma área cada vez mais profissional e organizada. Ele afirmou ainda que a continuidade dos grandes campeonatos promovidos pelas Ligas e a CBF contribuem para a formação e legitimação de disputas importantes. E mais, que a existência de um calendário de campeonatos, além de influenciar diretamente na formação das atletas, traz confiança para atrair investidores para esse futebol.

Por diversas vezes durante a entrevista, Arthur pontuou a questão da estruturação do futebol feminino e ressaltou que a mudança deve acontecer de dentro para fora. Ou seja, são as organizações que trabalham com futebol aquelas que, primeiramente, precisariam se fortalecer, se organizar e se profissionalizar para então, posteriormente, existir espaços interessantes tanto para investidores como para diferentes vertentes da mídia. Ele citou algumas equipes de prestígio, como o Saad E.C. e E.C. Radar que acabaram se extinguindo⁴ nesses últimos anos. Hoje, por meio de leis federais de captação de recursos, Arthur busca investidores para colaborar com o orçamento do futebol feminino do Centro Olímpico (dinheiro destinado a complementar o salário das atletas da categoria adulta, por exemplo).

Dos aproximados mil atletas presentes em todas as categorias esportivas do Centro Olímpico, cerca de noventa meninas são atletas do futebol de campo e vinte e nove delas profissionais da categoria adulta. Elas treinam todos os dias, no período da tarde (das 14h às 14h30, das 15h30 às 17h30 e das 17h30 às 19h) e a manhã é destinada às demandas internas do setor de futebol feminino, como reuniões, projetos e burocracias administrativas. Infelizmente, para Arthur, o COTP não conta com espaço de alojamento, o que faz com que as atletas tenham que se deslocar diariamente (muitas moram na própria zona sul da capital, mas há atletas da Grande ABC, assim como de bairros periféricos de São Paulo).

O treinamento no equipamento público garante o transporte, o lanche e a ajuda de custo. Algumas atletas profissionais recebem salários sazonais (os valores são definidos conforme os patrocínios). Muitas atletas trabalham no período da manhã ou preenchem suas agendas estudando. Há algumas

⁴ Na verdade o Esporte Clube Saad, com sede em São Caetano do Sul-SP e o Esporte Clube Radar, do Rio de Janeiro, extinguiram seus times femininos, existindo ainda como clubes.

universidades que, além de estágios, fornecem bolsas de estudos⁵ para as atletas ou fazem dessas meninas representantes de seus times nas Atléticas em disputas de jogos universitários.

Outras meninas, das categorias menores, estudam ou acabaram de se formar no ensino médio. Nessa fase, dedicam-se quase que integralmente ao futebol. Arthur revelou que há alguns anos existiam bolsas federais e estaduais destinadas a atletas de alto rendimento – tanto em categorias individuais como coletivas. No caso do futebol, a categoria é coletiva e enfrenta burocracias que dificultam a agilidade em providenciar essas bolsas às atletas. O time do Centro Olímpico, por exemplo, foi vice-campeão do Campeonato Paulista em 2011 e obteve o direito, no ano de 2012, de fazer os pedidos de bolsas justificando seus títulos conquistados. Para isso é preciso comprovar o resultado do campeonato, carta da Federação, carta da Confederação e mais a carta do clube, no caso, em nome da Associação Desportiva do Centro Olímpico, que foi criada com independência do equipamento público. Com os tramites corretos, uma bolsa válida por doze meses passa a ser emitida para o ano seguinte, ou seja, 2013.

Para Arthur, os chamados Clubes de Camisa, os clubes profissionais, remuneram bem, e, além de oferecer alojamento, aproveitam os 2 períodos do dia para treino. Entretanto o técnico destacou apenas o Santos Futebol Clube⁶ como um clube que realmente leva a sério o desenvolvimento do futebol de campo feminino. Ele revelou iniciativas de outros grandes clubes que naufragaram antes mesmo do tempo mínimo para se obter qualquer tipo de resultado ou classificação (como Corinthians, Palmeiras e São Paulo). “Falta existir um projeto sério (...) ainda mais se tratando de clubes que carregam o nome de um time grande, é um desperdício não investirem nessa categoria feminina”. O entrevistado também argumentou que a facilidade em conseguir

5 O relato da Liga Paulista Universitária conta mais detalhes sobre essas parcerias entre atletas e universidades.

6 O projeto de futebol feminino do Santos deu início em 1997 e passou a colher bons resultados após 1 década de trabalho, com os Campeonatos Paulistas e Campeonatos da LINAFA. Marcelo Teixeira, então presidente do Santos F. C., criou nessa época um departamento exclusivo para o futebol feminino, separado dos assuntos ligados ao time masculino. Em coletiva de imprensa em janeiro de 2012, Luiz Álvaro, presidente do Santos, declarou o encerramento das atividades das Sereias da Vila na temporada 2012, por falta de patrocinadores.

patrocínio levando o nome de um Clube de Camisa é muito maior. Há casos ainda como do time da Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas, que “empresta” o seu nome para um grupo de atletas de futebol independente – nesse caso a equipe leva o nome, mas o clube não se responsabiliza pelo projeto de treinamento da equipe. Nesse sistema de atuação, Arthur cita o time feminino da Associação Portuguesa de Desportos, Guarani Futebol Clube (sub-15), Clube de Regatas Vasco da Gama, Esporte Clube Vitória e São Bernardo Futebol Clube (a Associação Desportiva São Caetano deixou de ter time a algum tempo).

Além da organização da categoria de futebol feminino, Arthur defendeu que as mídias poderiam contribuir mais com a sua difusão. Afirmou que a TV Bandeirantes se espantou com o retorno de audiência quando os jogos da seleção brasileira feminina e do Santos foram televisionados. Atualmente, além da Band, a Rede Vida, a Rede TV e a SporTV transmitem alguns jogos, mas segundo os seus próprios interesses, de acordo com o técnico: na Libertadores, 3 equipes brasileiras disputaram e apenas o time feminino do Santos teve a partida televisionada. Questionado sobre as outras mídias, como a Internet, ele destacou o sítio eletrônico Futebol Para Meninas e o relacionado às Sereias da Vila, do Santos, como exemplos de exploração dessa categoria de futebol. Contou também que um dos projetos do COTP é construir um sítio eletrônico, que reúna todas as informações possíveis sobre o cenário do futebol feminino, mas a ideia ainda está no papel.

A pesquisadora do CRFB perguntou sobre a equipe que, junto com Arthur, fez com que o projeto do Centro Olímpico esteja em ascensão. Ele esclareceu que, no total, 10 pessoas formam o grupo: um técnico, um auxiliar e um preparador físico para cada categoria, além de um preparador de goleiros para todos; ele é o supervisor e técnico do time adulto. O entrevistado ainda comentou sobre um amigo que, voluntariamente, faz a filmagem de muitas partidas disputadas. Também compõem a equipe de atletas adultas duas

importantes figuras da seleção feminina brasileira: Rosana⁷ e Debinha⁸.

Sobre a existência de atletas conhecidas na equipe – se promove alguma reação do espectador ou mesmo se modifica o público que assiste aos jogos femininos –, Arthur conta que, geralmente, as torcidas são pequenas, formada principalmente por familiares e jovens que se interessam pelo esporte. Em determinadas ocasiões, porém, a depender do local de jogo, há comunidades próximas ao campo que se envolvem com a partida (como ocorre na Vila Guarani, zona sul).

Um diferencial observado durante a visita foi o convênio do Centro Olímpico com a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). A parceria oferece, dentro desse espaço público esportivo, um laboratório médico com equipamentos de alta tecnologia voltado à pesquisa e preparo específico dos jovens atletas. Esse Centro de Excelência de Medicina conta com cardiologistas, ortopedistas, enfermagem, nutricionistas, ginecologistas e psicólogos. O apoio, segundo Arthur, se tornou fundamental para a qualidade do trabalho desenvolvido com as atletas, bem como direcionar a atuação do preparador físico de sua equipe.

O COTP preserva grande parte da sua documentação por iniciativa particular de um dos mais antigos responsáveis pela administração do equipamento. Há, inclusive, escalação dos atletas de todas as modalidades em diversos campeonatos disputados pelo Centro Olímpico. Graças à salvaguarda desse material alguns atletas conseguiram comprovar seu tempo de atuação profissional no esporte para obtenção de sua aposentadoria.

Poucos meses após a realização da visita do CRFB, em janeiro de 2012, o time feminino santista, uma das melhores equipes femininas em atuação foi extinto. A SEME contratou grande parte das ex-jogadoras da Vila Belmiro para somarem a equipe do COTP: Maurine, Érika, Karen, Alline Calan, Gabi,

⁷ Rosana já disputou 3 Olimpíadas e 2 Mundiais. Voltou dos EUA para treinar com a equipe do COTP e sua presença foi fundamental para a preparação do restante da equipe, tanto pela experiência como pela importância do grupo conviver com uma atleta desse escalão. Rosana se preparou com essa equipe até partir para o Mundial da Alemanha em 2011. Disputou o Pan-Americano e fechou contrato até junho com o Lyon da França.

⁸ Debinha, pela primeira vez, fez parte da equipe da seleção brasileira no Pan-Americano. Ela ficou conhecida por fazer o gol do jogo da final, assim como por perder o pênalti nos últimos minutos. Hoje, a jogadora tem proposta com o Lyon da França.



Centro de
Referência
do Futebol
Brasileiro



Raquel, Janaína, Kelly, Chú e Paula. Além das ex-santistas, foram também contradadas: Jucinara, do Internacional; Andréia Rosa, ex-atleta da Ferroviária; e Mayara, que atuava no Foz Cataratas do Paraná. O investimento teve como objetivo fortalecer o futebol feminino na capital paulista e, principalmente, contribuir com um bom desempenho da seleção brasileira nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012.